

SÉRIE DARK VERSE
LIVRO UM

O PREDADOR

TOP
SEL
LER

R U N Y X

Para os fãs.
Para os leitores que me acompanham há anos.
Estou aqui por vossa causa.

NOTA DA AUTORA

Este é o primeiro livro da série *Dark Verse*. Tudo neste mundo será sombrio, brutal e cru. As personagens, o comportamento que exibem, e as suas circunstâncias são um resultado direto do mundo em que vivem. A moralidade é dúbia e a humanidade questionável. Com cada livro, explorarei mais da escuridão e do bom que ainda pode existir nela. Contudo, se não estiverem confortáveis com isso, recomendo sinceramente que não continuem, podem encontrar situações maduras, conteúdo explícito, imagens brutais, e ações questionáveis. Espero que gostem de mergulhar neste universo comigo.

Nota Importante: Uma vez que a protagonista tem um QI bastante elevado, há certos padrões repetitivos nos seus pensamentos. Coisas que ela acha fascinantes, repete para si mesma vezes e vezes sem conta. É por isso que vão encontrar várias frases repetidas ao longo do livro.

*E se tu olhares, durante muito tempo, para um abismo,
o abismo também olha para dentro de ti.*

— *Friedrich Nietzsche*

PREFÁCIO

ALIANÇA

Cidade de Tenebrae, 1985

Numa noite escura e fria de inverno, com o vento a uivar e o céu a chorar granizo, dois homens da Outfit de Tenebrae encontraram-se com dois homens de Shadow Port no meio do nada. Apesar de as duas famílias serem rivais há mais de uma década, essa rivalidade estava a tornar-se má para o negócio. O mundo deles era pequeno, e não podiam continuar a arrancar as cabeças uns dos outros quando existiam negócios maiores e mais lucrativos que os podiam beneficiar a todos. Estava na altura de acabar com uma década de rivalidade e começar uma parceria para o futuro.

O líder de Shadow Port tremeu sob o seu casaco pesado, visto que não costumava sentir estas temperaturas geladas na sua cidade, no Oeste. O líder da Outfit de Tenebrae riu-se, dado ver o sol ainda menos do que via a sua esposa. Seguiu-se uma conversa jovial. O homem que acompanhava cada líder manteve-se um observador silencioso.

Depois, discutiram-se negócios: armas e álcool, que seriam o rosto da operação. Estava na altura de começar um novo negócio, uma estreia para a família. O líder de Tenebrae sugerira a ideia. Era um novo mercado, ainda pouco conhecido, mas com um futuro promissor e mais dinheiro do que alguma vez poderiam ter sonhado. O líder de Shadow Port concordou. Os homens juraram manter o negócio escondido, guardar segredo, deixar que todos pensassem em armas e bebidas como o seu negócio principal.

O líder de Tenebrae abriu a bagageira do carro. Duas miúdas pequenas, com não mais de 8 anos, deitadas e inconscientes, sem ideia do que as esperava.

Os líderes trocaram breves sorrisos e apertaram as mãos.

— Ao futuro — disse um.

— Ao futuro — ecoou o outro.

E assim, começou a aliança.

AROMA

Presente

A faca estava-lhe espetada na coxa.

Ela não devia estar aqui.

O pensamento ecoava na sua cabeça uma e outra vez, os seus nervos em alerta máximo, mesmo enquanto tentava parecer indiferente. Levantando o copo de champanhe cheio, fingiu beber do mesmo, perscrutando a multidão com o olhar. Apesar de saber que beber alguns goles da bebida borbulhante lhe acalmaria os nervos em franja, Morana absteve-se. Precisava de conseguir pensar com clareza mais do que precisava de coragem líquida. Talvez. *Com sorte.*

A festa, que tomava lugar nos extensos jardins da casa de alguém da família Maroni, estava no seu auge. Raio da máfia. Ainda bem que tinha feito tanta pesquisa quanto possível nos últimos dias.

Das sombras, Morana olhou em volta do jardim iluminado, reconhecendo os rostos com que se deparara nas notícias durante anos. Alguns vira na sua própria casa, ao crescer. Observou os soldados da máfia a andar pela festa com expressões estoicas. Viu as mulheres — a maior parte servindo de decoração nos braços dos homens com quem estavam — e viu os inimigos.

Ignorando a comichão que a peruca lhe fazia, Morana limitou-se a observar. Esforçara-se bastante para se parecer com outra pessoa esta noite. O longo vestido preto que usava escondia as facas que tinha amarradas às coxas, uma das quais se tinha torcido, sabe-se lá como, e tentava esfaqueá-la. A pulseira que lhe adornava o pulso havia sido comprada na *dark web*, e continha um compartimento escondido onde

repousava um veneno aerossol que não estava disponível no mercado. E apanhara o cabelo, tapando-o com uma sedosa peruca loura-acobreada e pintando os lábios de um vermelho vibrante. Não se parecia com ela. Mas era o necessário. Há dias que andava a planejar esta noite. Há dias que dependia do bom funcionamento do plano. Não podia deitar tudo a perder. Não depois de chegar tão perto.

Olhou para a mansão ameaçadora atrás da multidão. Era monstruosa. Não havia outra forma de a descrever. Como um castelo antigo, enterrado nas montanhas da Escócia, a casa — um híbrido estranho entre mansão moderna e castelo — era um monstro. Um monstro com algo que lhe pertencia na barriga.

Sentindo o ar frio perfumado com as flores da noite, Morana afastou discretamente os arrepios que tentavam lamber-lhe a pele.

A sua atenção foi atraída pela gargalhada animada de um homem. Demorando o olhar na figura musculada e de cabelo grisalho que se ria com outros homens no canto norte da propriedade, estudou-o. O seu rosto estava enrugado pela idade, e aparentava ter as mãos limpas.

Oh, como ele tinha sangue naquelas mãos. Tanto, tanto sangue. Não que alguém no seu mundo não tivesse. Mas ele talhara um espaço especial para si como o mais violento de todos, incluindo o pai dela.

Lorenzo «Cão de Caça» Maroni era o chefe da Outfit de Tenebrae, com uma carreira de mais de quatro décadas, um registo criminal maior do que o próprio braço e admirado no seu mundo pela sua capacidade de agir a sangue-frio. Morana convivera com pessoas como ele por tempo suficiente para não se deixar abalar — ou melhor, para não o demonstrar.

Junto a Lorenzo estava o seu filho mais velho, Dante «A Parede» Maroni. Mesmo que o seu rosto bonito pudesse enganar alguns, investigara o suficiente para saber que não o devia subestimar. Com um físico forte e sólido, semelhante ao de uma parede, o homem erguia-se sobre quase toda a gente. Terá assumido um papel importante na organização há quase uma década, se os rumores forem verdadeiros.

Morana fingiu beber do seu champanhe. Trocando um sorriso educado com uma mulher que olhara na direção dela, deixou finalmente que o seu olhar deslizasse para o homem silencioso que se encontrava ao lado de Dante.

Tristan Caine.

Ele era uma anomalia. A única pessoa a fazer o pacto de sangue da família sem lhes ser parente de sangue. A única pessoa que, não partilhando o seu ADN, desempenhava um cargo elevado na organização. Ninguém sabia exatamente qual o seu papel na hierarquia, mas sabiam que estava perto do topo. Toda a gente tinha teorias sobre a razão, mas ninguém tinha certezas.

Observou-o. A sua postura era confiante. Era mais ou menos dois centímetros mais baixo do que Dante, vestindo um fato preto de três peças, sem gravata. O seu cabelo louro escuro quase parecia castanho-escuro, de tão cortado rente à cabeça estava, e, à distância a que se encontrava, os olhos dele pareciam ter uma cor clara.

Morana sabia que eram azuis. Um azul extraordinário. Vira fotografias dele, sempre cândidas, nas quais parecia surpreendentemente inexpressivo. Estava habituada a isso no seu mundo, mas ele levava-o a todo um outro nível.

Apesar da sua figura musculada ser atraente, essa não era a razão pela qual Morana não conseguia desviar o olhar. Era por causa das histórias que ouvira sobre ele nos últimos anos, maioritariamente por ouvir as conversas dos outros, especialmente as do pai.

Segundo as histórias, Tristan Caine era filho do guarda-costas pessoal de Lorenzo Maroni, que morrera a proteger o patrão há quase vinte anos. Ele era muito novo e a mãe tinha-se ido embora depois da morte do marido.

Por razões desconhecidas, o patrão tomara o rapaz sob a sua asa e treinara-o. E hoje, o Sr. Caine era como um filho para o «Cão de Caça» Maroni. Diz-se que Maroni o favorece mais do que ao próprio sangue. De facto, ouvia-se que, depois de se reformar, seria Tristan o chefe da organização, não Dante.

Tristan «O Predador» Caine.

Chamavam-lhe «O Predador». A sua reputação precedia-o. Raramente caçava alguém, mas, quando o fazia, era o fim da linha para essa pessoa. Quando o fazia, ia direto à garganta. Sem distrações. Sem brincadeiras. Apesar da sua atitude calma, o homem era mais letal do que a faca que espetava a coxa de Morana.

Fora também por causa dele que viera à festa.

Ela ia matar Tristan Caine.

A vida como filha do chefe da máfia de Shadow Port tinha-a preparado para muitas coisas, mas não para isto. Apesar de ter crescido rodeada de crime, Morana fora surpreendentemente protegida das partes mais feias daquele mundo. Tinha sido educada em casa, depois fora para a universidade, e agora era programadora em regime *freelance*. Tudo muito aborrecido.

Era por isso que *não* estava nada equipada para lidar com isto. Não estava preparada para se infiltrar na casa dos inimigos do seu pai e, por extensão, também seus. E definitivamente que não estava preparada para assassinar o dito inimigo.

Se calhar não tinha mesmo de o matar. Se calhar, raptá-lo funcionaria igualmente bem.

Até parece.

Durante mais de uma hora, Morana observou Tristan Caine atentamente e sem dar muito nas vistas, esperando que ele se mexesse. Por fim, depois de ficar colado a Maroni com uma expressão sombria no seu lindo rosto, afastou-se e dirigiu-se para o bar.

Morana debateu se devia aproximar-se dele em público ou se devia esperar que ele se dirigisse à casa. Depois de uma fração de segundo de indecisão, decidiu-se pela segunda opção. A primeira era demasiado arriscada, e, se fosse descoberta, não só seria a sua sentença de morte como significaria o início de uma guerra entre as duas famílias. Uma guerra na máfia. Tremeu só de pensar em todas as histórias macabras que ouvira ao longo dos anos.

Também questionou se estaria a ser inteligente ao querer matar o homem.

Talvez não, mas precisava de entrar naquela casa e descobrir onde é que ele tinha escondido o seu programa.

Tudo começara com um desafio do seu ex-namorado (não que alguém soubesse da existência dele). Sendo também programador, desafiara-a a desenvolver o mais complexo programa que conseguisse. Não sendo capaz de dizer que não a um desafio, Morana cedera.

Aquele programa era o seu Frankenstein — um monstro poderoso que dera para o torto, que escapara do seu controlo. Caindo nas mãos erradas, era capaz de desfigurar uma pessoa digitalmente, extrair qualquer segredo das partes mais obscuras da Internet e destruir governos inteiros, organizações inteiras.

Tinha caído nas piores mãos possíveis. O idiota do seu ex, Jackson, roubara-lhe o programa quando ela terminara, há três semanas, e desaparecera.

Foi quando começou a procurá-lo que descobriu que ele tinha sido enviado pela máfia para se aproximar dela, mais especificamente pelo Sr. Caine. Como ele tivera conhecimento do seu programa e das suas competências, não sabia.

Ela estava lixada. Tão, tão lixada.

Não podia contar ao pai por nada deste mundo. *Nada*. As transgressões eram demasiadas: namorar com alguém fora da máfia, programar uma bomba-relógio sem qualquer proteção, mas, pior de tudo, sabendo onde o programa tinha ido parar — o pai dela matá-la-ia sem hesitar. Sabia que sim e, honestamente, não se importava. Contudo, as pessoas inocentes não mereciam ter as suas vidas destruídas pelos erros dela.

Por isso, depois de semanas de pesquisa e perseguição, conseguira forjar um convite para a festa em Tenebrae. O pai achava que ela lá estava para se encontrar com os seus inexistentes amigos da faculdade. A sua equipa de guarda-costas achava que estava bêbeda e a dormir no seu quarto de hotel.

Fugira. Chegara tão longe dentro do covil. Tinha de conseguir o seu programa e sair dali o mais depressa possível. E tinha de fazer tudo isso enquanto silenciava O Predador. A única forma de o fazer era matando-o.

Pensar em como ele organizara tudo com Jackson fazia o seu sangue ferver.

Oh, não, matá-lo não será um problema. A vontade de o fazer intensificava-se de cada vez que pensava no parvalhão doentio. Morana rangeu os dentes.

Depois de beber um shot de whisky, Tristan Caine encaminhou-se finalmente em direção à mansão.

Hora do espetáculo.

Encorajando-se, Morana colocou o seu copo na travessa de um dos muitos empregados e caminhou silenciosamente pelo caminho isolado que ele seguia. Mantendo-se nas sombras, o seu vestido escuro garantia que não se destacava. A festa ia ficando para trás à medida que os arbustos em volta do caminho se tornavam mais densos.

Mais à frente, viu a figura alta e larga de Tristan Caine caminhar rapidamente e a passos largos na direção das escadas. Subiu os degraus dois a dois e ela apressou-se nos seus saltos, tentando não o perder de vista.

Com um olhar rápido em volta, baixou-se e subiu os degraus. À sua esquerda conseguia ver a festa e os seguranças destacados nos relvados.

Franzindo o sobrolho à falta de segurança na casa em si, entrou pelo espaço entre as grandes portas.

E viu um guarda caminhar na sua direção, atravessando a entrada.

Sentindo uma descarga de adrenalina, escondeu-se atrás do primeiro pilar que encontrou, passeando o olhar pela enorme entrada com um candelabro extravagante. Viu Tristan Caine seguir pelo corredor à esquerda, até desaparecer do seu campo de visão.

De repente, sentiu uma mão puxar-lhe o braço.

O guarda enorme franziu-lhe o sobrolho.

— Menina, está perdida? — questionou com um olhar desconfiado. Antes que pudesse repensar, Morana pegou no vaso ao seu lado e atingiu-o na cabeça. Os olhos dele arregalaram-se e caiu ao chão. Morana fugiu, repreendendo-se.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Tinha sido mais desleixada do que gostaria.

Respirando fundo, focou-se na tarefa em mãos e baixou-se, dirigindo-se para o corredor. Assim que o alcançou, começou a correr, parando para se descalçar e levar os saltos na mão, de modo a evitar fazer barulho. Em segundos, estava numa curva algures nas traseiras da casa, olhando para um conjunto de escadas que levavam a uma porta solitária.

Com o coração aos saltos, engoliu em seco e começou a subir.

Chegando ao patamar, andou em bicos dos pés até à porta. Inspirando de forma rápida e profunda, retirou a faca da bainha que tinha na coxa, consciente da pequena nódoa-negra que aí deixara. Calçou os sapatos, agarrou na maçaneta e girou-a.

Esticou o pescoço para espreitar para dentro do que parecia ser um quarto de hóspedes semiescuro.

Estava vazio.

Franzindo o sobrolho, entrou e fechou silenciosamente a porta atrás de si.

Antes que pudesse sequer inteirar-se do que a rodeava, a porta do outro lado abriu-se. Com o coração aos saltos, agachou-se no canto, vendo o homem sair da casa de banho e atirar o casaco do fato para cima da cama. Morana observou os suspensórios que contrastavam com a camisa branca, cujo tecido esticado estava desabotoado no

colarinho, preenchido ao máximo pelo seu peito largo. Um peito muito musculado. Apostava que ele também tinha abdominais.

Apesar de se detestar por reparar nisso, não podia negar que o homem era verdadeiramente atraente. Que pena que fosse um idiota.

Viu-o tirar o telemóvel do bolso das calças e deslizar o dedo pelo ecrã, completamente concentrado no que estava a ver. Mantendo o olhar nas suas costas musculadas, endireitou-se nas sombras.

Era agora ou nunca.

Andando por trás dele, a mão tremia-lhe ligeiramente e os seus dedos empalideciam da força que fazia para segurar a faca, mas nem se atreveu a respirar, não fosse alertá-lo. Quase dois passos atrás dele, apontou-lhe a faca às costas, mesmo acima de onde o seu coração deveria estar, e falou com a voz mais fria que conseguiu.

— Mexe-te e morres.

Viu os músculos das suas costas ficarem tensos, um por um, mesmo antes de ela falar. Tê-la-ia fascinado, se não estivesse aterrorizada e delirante de raiva.

— Interessante — respondeu calmamente, como se a sua vida não estivesse a uma curta distância das mãos trémulas dela. Estabilizou o seu punho.

— Larga o telemóvel e levanta as mãos — ordenou, vendo-o cumprir a indicação sem hesitar.

A sua voz quebrou o silêncio tenso.

— Uma vez que ainda não estou morto, assumo que queiras alguma coisa.

O tom completamente despreocupado da sua voz nada fez para acalmar os nervos dela. Porque é que ele não estava nada incomodado com isto? Morana podia abri-lo ali mesmo. Estaria a escapar-lhe alguma coisa?

Sentiu o suor que lhe descia pelas costas e a comichão que a peruca lhe fazia, mas focou-se no corpo dele. Tirando uma segunda faca da outra coxa, encostou-a à lateral de Tristan Caine, mesmo contra o rim. As suas costas ficaram um pouco mais tensas, mas as mãos dele nem tremeram, mantendo-se erguidas.

— O que queres? — O tom dele mantinha-se tão inabalável quanto as suas mãos.

Morana inspirou fundo, engoliu em seco e falou:

— A pen USB que o Jackson te deu.

— Jackson, quem?

Morana pressionou as facas com mais força contra o corpo dele, em tom de aviso.

— Não finjas que não sabes de nada, Caine. Eu sei de todas as negociações com o Jackson Miller.

As suas costas mantiveram-se tensas, as facas dela a segundos de lhe perfurar a pele.

— Agora, onde está a pen?

Fez-se silêncio durante alguns momentos antes de a cabeça dele se inclinar para a esquerda.

— No meu casaco, no bolso de dentro.

Morana pestanejou, surpreendida. Não esperava que ele lha desse tão facilmente. Talvez fosse um maricas, apesar de toda aquela treta de macho alfa. Talvez as histórias e rumores fossem todos inventados.

Olhou para o casaco preto, e tudo aconteceu na fração de segundo em que se distraiu.

As costas dela embateram na parede ao lado da porta, e a sua mão direita, ainda com a faca, foi presa num aperto forte contra a parede. A mão esquerda levou a faca à sua garganta, controlada por Tristan Caine, agora muito mais forte e muito mais zangado.

Pestanejou, olhando-o nos olhos — uns olhos muito azuis e muito irritados —, chocada com a reviravolta. Não estava preparada para isto. Merda, ela *não* estava mesmo nada preparada para isto.

Engoliu em seco. A lâmina da sua própria faca estava-lhe mesmo encostada ao pescoço, ainda na mão dela, controlada pela de Tristan Caine. Sentiu o metal frio ameaçar a sua pele bronzeada. A outra mão dele, grande e áspera, segurava-lhe a mão livre acima da cabeça, os dedos dele enrolados como algemas em volta do seu pulso. Sentiu o seu muito maior e mais largo corpo pressionado contra o dela; sentiu o seu peito quente contra o peito ofegante dela; sentiu o cheiro almiscarado da sua água-de-colónia invadir-lhe os sentidos; sentiu as pernas dele prenderem as suas, deixando-a completamente imóvel.

Engolindo em seco, olhou-o nos olhos, determinada. Se tinha de morrer, não morreria como uma cobarde, muito menos às mãos de alguém como ele.

Tristan Caine inclinou-se para mais perto, o rosto a centímetros do dela, os olhos frios e a voz cruel quando falou.

— Este sítio, aqui mesmo — comentou calmamente, pressionando a ponta da faca contra um ponto abaixo do maxilar, no pescoço inclinado dela — é um sítio fácil. Corto-te aqui e morres antes de conseguires pestanejar.

O seu estômago deu voltas e ela cerrou os dentes, recusando-se a mostrar medo. Ouviu-o levar a faca silenciosamente para onde podia sentir a sua pulsação agitada, perto do centro do pescoço.

— Neste sítio, morres, mas não será bonito.

O coração trovejava-lhe no peito, carregado de vingança, e as suas palmas suavam sob o peso do olhar dele. Desceu a faca de novo para um ponto perto da base do seu pescoço.

— E aqui... Sabes o que acontece se te cortar aqui?

Morana permaneceu em silêncio, limitando-se a observá-lo — a sua voz provocadora, quase sedutora, com a tentação da morte.

— Sentirás dor — continuou, destemido. — Sangrarás até morres. Sentirás cada gota de sangue a abandonar o teu corpo. — A voz dele acariciava-lhe a pele. — A morte virá, mas muito, muito mais tarde. E a dor será excruciante.

Segurou a faca firmemente contra aquele ponto, a sua voz subitamente arrepiante.

— Agora, se não queres que isso aconteça, diz-me quem te enviou e de que pen estás a falar.

Morana pestanejou, confusa, antes de entender o que se passava. Ele não a reconhecia. Nunca se tinham conhecido e, no que dizia respeito a primeiros encontros, este deixava muito a desejar. Ele provavelmente só tinha visto as suas fotografias de passagem, como ela vira as dele.

Humedecendo os lábios, sussurrou.

— A pen é minha.

Viu os olhos dele semicerrarem-se ligeiramente.

— É?

Semicerrou também os seus olhos, a raiva que havia fugido face ao medo regressara com vingança.

— Sim, é, seu idiota. Trabalhei que me desunhei para fazer aquele programa, e podes ter a certeza que não vou deixar que o uses! O Jackson roubou-mo, e vim desde Shadow Port porque preciso da pen de volta.

Houve um momento de silêncio. Os olhos dele demoraram-se nas suas características e, depois, viu a erupção de surpresa que espelharam.

— Morana Vitalio?

Ela assentiu uma vez com a cabeça, tendo cuidado com a lâmina contra a sua garganta. Ele olhou-a de cima a baixo, os seus olhos demorando-se na peruca dela e nos seus lábios, observando cada centímetro antes de voltar a olhá-la nos olhos.

— Bem, bem, bem — murmurou, quase para si mesmo, ao afastar um pouco a lâmina e relaxar o maxilar com a barba por fazer, agora que conhecia a sua identidade.

Abriu a boca para lhe pedir que afastasse a faca quando algo bateu na porta ao lado deles com força. Morana soltou um pequeno grito de surpresa e ele largou a mão acima da sua cabeça, usando a mão agora livre para lhe tapar a boca.

A sério? O que é que ele achava que ela ia fazer? Gritar por ajuda na residência da Outfit de Tenebrae?

— Tristan, viste alguém cá dentro? Alguém deixou o Matteo inconsciente no andar de baixo — perguntou uma voz pesada e com um ligeiro sotaque do outro lado da porta.

Sentiu um peso na barriga quando o olhar dele se cruzou com o seu e arregalou os olhos ao vê-lo erguer a sobrançelha direita ao responder:

— Não, não vi. — Os olhos de Tristan Caine nunca deixaram os dela. — Já desço daqui a uns minutos.

Morana ouviu os passos que se afastavam e, depois de uns segundos, a mão que lhe tapava boca desapareceu. O corpo dele não.

— Importas-te de afastar a faca? — perguntou calmamente, fulminando-o com o olhar.

A sobrançelha dele ergueu-se ainda mais, antes de se aproximar de novo, sem mexer a faca um centímetro.

— Devias ter juízo suficiente para saber que não se entra em casa do inimigo sozinha, sem proteção. E devias saber que nunca se deve tentar apanhar um predador de surpresa. Assim que apanhamos o aroma a sangue, é uma questão de começar a caça.

Ela cerrou o maxilar, a sua palma formigava com a vontade de lhe dar um estalo e à sua atitude condescendente.

— Quero a pen de volta.

Ele ficou em silêncio por um longo segundo antes de se afastar e lhe soltar a mão, tirando-lhe as facas para as examinar.

— Vir aqui foi estúpido, Vitalio — falou com calma, observando-a. — Se os meus te tivessem encontrado, estarias morta. Se os teus descobrissem, estarias morta. Pretendias começar uma guerra?

Hipócrita, não? Deu um passo na direção de Caine, deixando apenas alguns centímetros entre as suas figuras, e olhou-o furiosa.

— Estarei morta de qualquer forma, por isso não me parece estúpido. Tens alguma ideia do que o conteúdo daquela pen pode fazer? Essa guerra hipotética de que me acusas de começar... imagina isso, mas dez vezes pior — inspirou fundo, tentando chamá-lo à razão. — Olha, dá-me o programa para que o possa destruir e seguirei com a minha vida.

Seguiu-se um silêncio pesado que durou longos minutos, com os olhos dele contemplando-a, fazendo-a contorcer-se sob o seu escrutínio. Falou apenas ao entregar-lhe as facas, longos minutos depois:

— Por baixo das escadas, há uma porta. Vai dar aos portões. Sai daqui antes que alguém te veja e o caos se instale. Tenho uma noite livre pela primeira vez em meses, e a última coisa que quero fazer é ter de limpar o teu sangue.

Morana inspirou fundo e tirou-lhe as facas.

— Por favor.

Pela primeira vez, viu algo mais a brilhar nos olhos de Tristan Caine. Ele limitou-se a cruzar os braços sobre o peito, inclinar a cabeça e fitá-la.

— Usa a porta.

Suspirou, sabendo que tinha sido derrotada. Não havia nada mais que pudesse fazer. Voltar para casa significava contar tudo ao pai, o que por sua vez significava ou morte ou exílio. *Merda*.

Assentindo com a cabeça e aceitando o sabor amargo na boca, virou-se e levou a mão à maçaneta, sentindo os olhos dele nas suas costas.

— Vitalio?

Virou a cabeça para o fitar por cima do ombro e viu os olhos dele brilharem com algo que fez o seu coração saltar e a levou a sentir borboletas no estômago. Deteve-a com o olhar por um longo momento antes de falar.

— Estás a dever-me uma.

Morana pestanejou, surpreendida, sem entender.

— Desculpa?

O olhar dele tornou-se ainda mais intenso, os seus olhos azuis pareciam queimá-la.

— Deves-me uma — repetiu.

Torceu os lábios.

— Por que raio é que te devo uma?

— Pela tua vida — afirmou. — Qualquer outra pessoa que não eu e não estarias a respirar.

Morana franziu o sobrolho, confusa, e viu os lábios dele tremerem em resposta, mesmo quando os seus olhos a fitavam com uma expressão que não conseguia decifrar.

— Não sou nenhum cavaleiro para te dar uma abébia — falou calmamente. — Estás em dívida para comigo.

Depois, acabou com o espaço entre eles. Morana engoliu em seco, a mão apertando a maçaneta com mais força mesmo ao sentir o coração galopar, e levantou a cabeça para manter os olhos nos dele. Tristan Caine fitou-a por longos momentos antes de se aproximar, o seu olhar firme ao sussurrar, com o hálito a acariciar-lhe o rosto, o seu cheiro almiscarado a chegar-lhe com força ao nariz.

— E eu irei cobrá-la, um dia.

Sentiu a sua respiração prender.

E depois correu para fora do quarto.

2

COLISÃO

Meu Deus, ela não devia mesmo estar aqui.

Este podia ser o título da sua autobiografia, uma vez que se encontrava constantemente em situações destas. Se alguma vez a escrevesse, tinha a certeza de que muitas pessoas teriam interesse em lê-la. Afinal de contas, quantas filhas geniais de mafiosos expunham toda a sua vida por escrito para o consumo das massas? Até podia vir a ser um top de vendas, se de facto vivesse tempo suficiente para a escrever. Da maneira como as coisas estavam a correr, duvidava que chegasse a casa em segurança.

O medo afundava-se no seu estômago como um peso morto, ameaçando fazer-lhe os joelhos ceder à medida que caminhava com as pernas trémulas até ao edifício abandonado. Ela era um génio, mas meu Deus, era uma *idiota*. Uma estúpida idiota de classe mundial. Uma idiota que não bloqueara o número de telemóvel do seu ex-namorado traidor. Uma idiota que deixara o dito ex-namorado idiota deixar-lhe uma mensagem. Uma idiota que, por alguma razão estúpida, a ouvira.

Estava sentada no seu quarto, a trabalhar no computador, tentando desfazer os efeitos desastrosos do seu programa, quando Jackson lhe deixara uma mensagem.

Ainda conseguia ouvir o pânico na voz dele quando sussurrou as palavras à pressa. Ainda conseguia sentir as palavras sussurradas arranharem-lhe a pele. Ainda se conseguia lembrar da mensagem toda, palavra por palavra, uma vez que a ouvira dez vezes. Não, não por qualquer tipo de amor que pudesse ainda sentir, mas porque estivera a debater-se sobre como agir.

Ela era uma idiota.

A voz frenética de Jackson estava-lhe gravada no cérebro:

— *Morana! Morana, por favor, tens de me ouvir. Preciso da tua ajuda. É uma questão de vida ou de morte. O programa... o programa está... Peço imensa desculpa. Por favor, vai ter comigo ao cruzamento da Huntington com a 8th. Há lá um edifício em construção. Às seis da tarde. Vou estar escondido no edifício, à tua espera. Prometo que explico tudo, mas vem sozinha. Por favor. Juro que eles me vão matar. Por favor, imploro-te. O programa está...*

E a mensagem acabara ali.

Morana estivera uma hora sentada a olhar para o telemóvel e a ponderar as suas opções. E as opções eram muito simples.

Opção Um: era uma armadilha.

Opção Dois: não era uma armadilha.

Simples, mas muito confuso. Ela sabia que Jackson era uma cobra da pior espécie. Havia a possibilidade de ter sido pago para fazer a chamada, tal como tinha sido pago para a espiar. Tinha fingido os seus sentimentos por ela durante semanas. O que era uma chamada de meros segundos em pânico, em comparação? Enganara-a uma vez. Estaria a tentar enganá-la de novo? Poderia isto ser uma armadilha?

Mas era isso que a desconcertava. Quem lhe montaria uma armadilha? A Outfit de Tenebrae? Tinha estado no seu covil ainda a semana passada. Tinha estado na toca dos leões, enfrentado o famoso Predador cara a cara e saído incólume. Sabia que não queriam começar uma guerra na máfia, de todo. Caso contrário, Tristan Caine teria exposto o seu pequeno estrategema nessa mesma noite. Mas não o tinha feito. Tinha-a deixado ir. Não fazia sentido que lhe montassem agora uma armadilha.

Mas, se não a Outfit, quem queria que Jackson fingisse uma chamada em pânico? Seria sequer uma armadilha? Seria possível que ela estivesse apenas a ser demasiado prudente? Estaria ele realmente assustado, ou a fingir?

Infelizmente, Morana não se podia dar ao luxo de não arriscar. Porque se ele estivesse realmente assustado e soubesse mesmo algo sobre o programa, precisava de se encontrar com ele. Tinha de o deixar falar. Tinha de recuperar o programa, desse por onde desse.

Não que, da última vez que usara essa abordagem, tivesse corrido bem...

Ainda a chocava que tivesse estado à mercê dele. *Tristan Caine*. O homem conhecido pela sua crueldade. Prendera-a à parede usando as facas dela contra a sua garganta. E tinha-a deixado ir. Na verdade,

tinha-a encaminhado para a porta que lhe traria a liberdade, para a escapatória que não conhecia e a libertaria da besta da casa Maroni, mesmo no meio de uma festa.

Lembrava-se da incredulidade que sentira ao apanhar boleia de volta para o hotel. Incredulidade com a sua própria coragem. Incredulidade com a sua tentativa falhada. Incredulidade com quão perto chegara. Incredulidade com ele.

O encontro, apesar de breve, pulsara com algo que a acompanhara quando deixou Tenebrae. Passara uma semana desde que regressara a casa, uma semana desde que se infiltrara no território dos Maroni, uma semana desde o fracasso que fora a recuperação da pen. Uma semana a esconder a verdade do pai. Se ele descobrisse, quando descobrisse... o inferno desceria sobre ela.

Afastando os pensamentos perturbadores, Morana endireitou os ombros e sentiu o frio tranquilizador do metal contra a sua cintura, onde colocara a pequena *Beretta* que cobrira com um simples top amarelo. Além das chaves do seu *Mustang* vermelho descapotável e do telemóvel no bolso das calças pretas largas, não trazia mais nada consigo, ficando com as mãos livres.

Depois da última semana, pintara o seu cabelo de castanho, tentando desfazer-se dos vestígios do encontro sinistro. Mudava a cor do cabelo com frequência. Com tanto na sua vida que não conseguia controlar, gostava de ter uma palavra a dizer no que tocava à sua aparência. As suas novas madeixas escuras estavam apanhadas num rabo de cavalo alto, e os óculos empoleiravam-se-lhe no nariz. Até calçara sabri-nas, caso precisasse de correr.

Tendo dito ao pai que ia às compras na cidade, saíra antes que os capangas dele a pudessem apanhar. Fizera-o vezes suficientes no passado para receber nada mais do que olhares repreendedores.

Para o pai, tinha menos que ver com a segurança dela e mais com o controlo dele. O controlo dos seus homens, dos movimentos da filha, da moeda de troca do inimigo. Há muito tempo que ambos tinham deixado de fingir que não sabiam a verdade. Há muito tempo que ela deixara de se sentir desiludida. Isso deixara Morana algures entre destemida e imprudente.

Vir aqui situava-se precisamente no meio desse território.

Entrou na zona de construção, passando os portões de ferro forjado que separavam o edifício inacabado da rua abandonada. Morana olhou

em volta, estudando a área que a rodeava. O sol estava baixo, pronto a mergulhar no horizonte a qualquer momento, emitindo apenas luz suficiente para que o edifício criasse longas e arrepiantes sombras no chão. O céu passava de um roxo a um cinzento frio enquanto a lua esperava para sair.

Morana sentia o vento frio contra a sua pele, fazendo com que um pequeno arrepio lhe percorresse o braço e lhe causasse pele de galinha, que faziam lembrar pequenos soldados a prepararem-se para a batalha. Mas era outra coisa que a estava realmente a arrepiar.

Águias. Dúzias delas, a circularem o edifício uma e outra vez, chamando-se umas às outras, a cacofonia das suas vozes perdida no bater das asas contra o vento.

O crepúsculo estava a chegar e elas continuavam a circular o edifício alto, dizendo-lhe uma coisa sobre a estrutura. Não era uma zona de construção normal. Algures no local havia um cadáver — levantou o olhar para os pássaros —, mais do que um cadáver.

Ela não devia mesmo estar aqui.

Abafando o súbito ataque de nervos, baixou o olhar para o relógio. Eram seis da tarde. Estava na hora.

Onde raio estava Jackson?

A súbita vibração do telemóvel no bolso sobressaltou-a. Mandando o ar fora para acalmar o seu coração acelerado, tirou-o rapidamente do bolso e olhou para o número. Jackson. Levou o telemóvel ao ouvido e aceitou a chamada.

— Morana? — Ouviu a voz familiar de Jackson sussurrar ao telemóvel e franziu o sobrolho. Porque estaria ele a sussurrar?

— Onde é que estás? — questionou calmamente, olhando em volta à procura de algo fora do normal. Algo fora do normal que não fossem o raio das águias, claro.

— Vieste sozinha?

Morana fez uma careta, os seus sentidos em alerta.

— Sim. Agora, podes dizer-me o que é que se está a passar?

Viu a cabeça de Jackson espreitar por detrás da porta do edifício. Ele fez-lhe sinal para se aproximar.

— Entra, rápido — ouviu vindo do telemóvel.

Os olhos de Morana deslizaram para o edifício abandonado, erguendo-se para o céu como um monstro arruinado, rodeado por águias, mensageiras da morte. Ter-se-ia rido desalmadamente do cliché, se isto fosse

o cenário de um filme a que estivesse a assistir. Mas a última coisa que queria fazer agora era rir-se. Aquilo era assustador como o raio. E algo estava muito errado.

— Não me vou mexer um centímetro até me dizeres o que se passa — afirmou com convicção, mantendo a sua posição do lado de fora do edifício e vendo Jackson espreitar novamente pela porta.

— Raios, Morana! — praguejou alto pela primeira vez, o nervosismo a marcar-lhe a voz. — Ela não entra!

Morana imobilizou-se ao ouvi-lo gritar para alguém atrás dele, e a certeza da sua segunda traição instalou-se-lhe no estômago como uma pedra. Cabrão! Montara-lhe uma cilada.

Sem esperar nem mais um segundo, baixou-se para se esconder atrás do entulho no chão e tirou a arma que tinha à cintura. Preparou-a, endireitou os braços e estava pronta a apontar e disparar ao menor sinal. O coração trovejava-lhe no peito, e a respiração saía-lhe com dificuldade devido à adrenalina que lhe corria no sangue. Não ouvia mais nada para lá do som da sua respiração, exceto as águias. Continuavam a fazer barulho no céu, mesmo acima da sua cabeça, sobrevoando o edifício que fedia a morte.

Tinha de voltar para o carro.

Desviando o olhar para o portão, calculou a distância desde o monte de entulho e percebeu que estava a uns trinta metros. Raios. Nunca conseguiria correr pelo espaço aberto sem ser atingida, caso alguém já a tivesse na mira.

Pensar. Ela tinha de pensar.

— Morana!

Manteve-se agachada ao ouvir Jackson chamá-la, a sua voz vinda da direção do edifício.

— Não te vamos magoar! Só queremos falar!

Sim, e eu sou o Pai Natal.

Cerrou os dentes e encheu-se de raiva; a vontade de o esmurrar até o ver sangrar crescia dentro dela. Oh, como adoraria esmurrá-lo.

— Bebé, eu sei que gostas de brincar, mas isto não é uma brincadeira!

Ela odiava — detestava — quando ele lhe chamava «bebé». Fazia-a sentir-se como uma daquelas mulheres oferecidas que andavam atrás dos homens no mundo deles. Devia ter acabado com isso.

— Olha, eu sei — continuou Jackson, a sua voz aproximando-se cada vez mais de onde estava escondia. — Eu sei que me odeias por te

ter roubado o programa, mas era só dinheiro, bebé. Eu gostava de ti. Podemos ajudar-te se nos ajudares a nós.

Ele estava pedrado?

O aperto que tinha na arma firmou-se.

Um disparo. As águias enlouqueceram.

Morana encolheu-se perante o som, erguendo o olhar para ver as águias voarem ao acaso, em completo caos, e sentindo o coração a bater em sintonia com as asas das aves. Esperou que Jackson falasse de novo, mas não o fez. O medo na sua barriga intensificou-se.

— Prefiro-te loura.

O fôlego prendeu-se-lhe na garganta ao ouvir a voz que vinha de trás de si. A voz que não era capaz de esquecer há uma semana. A voz que sussurrara formas de a matar contra a sua pele como se fossem as carícias de um amante. A voz de whisky puro e pecado.

Ergueu o olhar, ficando frente a frente com o cano de uma *Glock* apontada à sua cabeça. Lentamente, deixou que o seu olhar subisse pelos dedos firmes e confiantes, pelos antebraços definidos e expostos pelas mangas dobradas da camisa preta, até aos ombros que sabia serem fortes o suficiente para a imobilizar contra uma parede, o maxilar quadrado coberto de barba por fazer, chegando por fim aos seus olhos. Os seus olhos *azuis*. Muito azuis. Vazios de qualquer expressão.

Foi apenas um segundo de observação, um segundo de apreciação feminina, antes de se lembrar de quem ele era.

Levantou o braço, apontando-lhe a arma ao coração, enquanto a dele continuava apontada à sua cabeça, num impasse silencioso.

Ergueu-se, sem desviar o olhar e com o braço firme, e inclinou a cabeça.

— Eu prefiro-te morto.

O rosto dele manteve-se impassível, olhos ligeiramente cerrados. Continuaram em silêncio durante alguns minutos, armas apontadas um ao outro, e Morana apercebeu-se de que era inútil. Sabia que ele não a ia matar. Tivera uma excelente oportunidade na semana passada e não a tinha aproveitado. Não o faria agora.

— Ambos sabemos que não vais disparar, por isso vamos baixar as armas, sim? — sugeriu, num tom conversacional, sem pestanejar para não lhe dar qualquer vantagem.

Os lábios dele curvaram-se, mas o divertimento nunca lhe chegou aos olhos. Recuou ligeiramente o braço, afastando-o num gesto de

bandeira branca, e ela fez o mesmo, mantendo a atenção nele. Assim que baixou a sua arma, ele invadiu-lhe o espaço pessoal, encostando o cano ao espaço entre os seus seios, o rosto dele a centímetros do dela. O cheiro a suor e água-de-colónia misturava-se no ar entre eles, e cada mancha azul dos seus olhos se iluminou, mesmo na escuridão que os envolvia.

Ele aproximou-se devagar, falando num tom suave, os olhos severos nunca se afastando dos dela, e as suas palavras fazendo a respiração de Morana prender-se no peito.

— Existem sítios no teu corpo que eu conheço — falou. A mão livre agarrou-lhe a nuca com um aperto forte, já no limite da ameaça, enquanto a arma se mantinha por cima do seu coração acelerado. — Sítios que eu conheço e tu não. Sítios que posso atingir e magoar sem que morras.

Aproximou-se ainda mais, o seu sussurro apenas um fantasma que lhe acariciava a pele ao inclinar o pescoço dela para que os seus olhares se mantivessem um no outro. A mão dele segurava-lhe a nuca, a sua altura pairava sobre ela e os seus olhos não se afastavam dos de Morana.

— A morte não é o prato principal, querida. É a sobremesa.

Os olhos de Tristan Caine endureceram ainda mais, o seu tom frio juntando-se-lhe aos dedos para apertarem o pescoço dela num aviso.

— Nunca cometes o erro de achar que me conheces. Pode ser o último que cometes.

O coração batia-lhe no peito como o de um animal selvagem a correr pela sua sobrevivência. Apesar de o peito dela se agitar com algo para o qual Morana não queria olhar, cerrou os dentes perante a tamanha audácia do homem, tamanha arrogância. Porque é que todos os homens à sua volta se comportavam como se estivessem nomeados para o prémio «Sacana do Ano»?

O treino clássico de autodefesa sobrepôs-se aos seus sentidos. Antes que pudesse pensar duas vezes, levantou o braço, prendeu a perna dele atrás do joelho e puxou, empurrando-o com o peso do corpo. Derrubou-o no chão duro e deleitou-se com a vitória ao ver a surpresa no seu olhar. Num instante, ele estava de pé outra vez, utilizando um movimento ágil que a teria impressionado se fosse qualquer outra pessoa. Mas ela ainda não tinha acabado.

Desta vez, foi Morana a invadir o espaço pessoal dele, apontando para os peitorais duros de Tristan Caine, por baixo da camisa preta de

colarinho aberto, espetando-o uma vez ao falar. Inclinou a cabeça para trás de modo a conseguir manter o olhar no dele e, com uma voz mais fria do que a do Predador, falou:

— Nunca cometes o erro de achares que me assustas. Será o último que cometes.

O maxilar dele cerrou-se, os seus olhos fixos nos dela e a tensão entre eles tão espessa que poderia cortá-la com uma faca de manteiga. A postura dele manteve-se fria. E ela sentiu um fogo invadir-lhe as veias à medida que o seu peito se agitava.

Outra voz interrompeu o momento tenso entre eles.

— Devo dizer, é raro encontrar alguém, ainda para mais uma mulher, que não tenha medo do Tristan.

Morana virou-se e encontrou Dante Maroni a apenas alguns metros, a sua figura embalada num fato que destoava completamente do cenário em construção, e que mais pertencia à festa em que o vira na semana anterior. O seu cabelo escuro estava perfeitamente penteado para trás, expondo umas maçãs do rosto tão elevadas que qualquer modelo do mundo choraria de inveja. O maxilar dele estava barbeado, e tinha dois grandes anéis prateados a adornar-lhe o indicador direito e o dedo do meio esquerdo. Com um sorriso agradável no rosto, no qual não confiava nem um bocadinho, observou a óbvia ascendência mediterrânea no bronze da sua pele, e não pôde negar que Dante Maroni era um homem lindo.

Ele avançou, esticando a mão, e ofereceu-lhe um sorriso que Morana estava disposta a apostar o seu curso em como pagava por ele todos os meses.

— Dante Maroni. — Apresentou-se num tom suave, educado, e agarrou a mão dela nas mãos suaves dele, apertando-a. Contudo, os seus olhos castanhos traíam o seu sorriso. — É um prazer conhecê-la, menina Vitalio. Quem me dera que fosse sob outras circunstâncias.

— Quem me dera que não fosse, de todo — disparou ela, antes que se pudesse impedir. Anos de inimizade a ferver-lhe o sangue, juntamente com o conhecimento de que era muito provável que este homem tivesse a sua pen e o poder para a destruir. E, possivelmente, tinham disparado sobre Jackson. Tinha quase a certeza de que ele estava morto.

Dante Maroni ofereceu-lhe outro sorriso, enquanto os seus olhos escuros a consideravam.

— Sem medo, como eu disse. Pode ser uma coisa perigosa.

Ela devia tatuá-lo na testa. Talvez assim tivesse atenção a isso.

Perdendo a paciência, olhou em volta e reparou que não havia mais ninguém nas imediações. OK. Então, ela estava numa construção abandonada com dois homens de muito má reputação, homens de uma família mafiosa, família essa que era inimiga da sua, e que a tinham atraído a este lugar por alguma razão. Não era o sítio mais seguro, mas não a tinham matado. Ainda. Tinha de contar para alguma coisa, certo?

— Porque é que estou aqui, Sr. Maroni? — questionou, exasperada e com muita vontade de dar sentido às coisas. — E onde está o Jackson?

— Dante, por favor — corrigiu-a, com outro sorriso. Tristan Caine saiu de trás dela e juntou-se ao irmão de pacto, cruzando os braços musculados sobre o peito largo, sem qualquer indicação de um sorriso no seu rosto. Uma tatuagem espreitava por baixo da sua manga.

Olhou para os dois homens, ambos de renome, ambos implacáveis, e viu o acentuado contraste entre os dois. Não era nada que pudesse apontar, com exceção da intensidade que rodeava o Sr. Caine, e que se mantinha afastada do outro homem. A intensidade com que a observava, com um rosto belo vazio de qualquer expressão.

Afastou-se da sensação, olhando de novo para Dante. Conseguia sentir a intensidade queimar-lhe a pele onde os olhos de Tristan Caine a tocavam. Comparativamente, o olhar de Dante era domado.

Focando-se, cerrou os dentes.

— Dante.

O homem suspirou, a sua mão ainda entre as dele.

— O Jackson está morto.

Sentiu uma pontada na barriga, mas nada mais. Não sabia o que isso diria sobre si enquanto pessoa. Queria sentir-se mal, mas, por alguma razão, não sentia.

Apenas assentiu com a cabeça, não dizendo nada, não sabendo o que dizer sem expor a sua falta de reação à morte do ex-namorado.

Dante assentiu, falando enquanto lhe apertava a mão, e o Sr. Caine manteve-se silencioso a seu lado, limitando-se a observá-los como um falcão.

— Precisávamos de nos encontrar contigo sem disparar nenhum alarme — começou Dante. — E a única forma de isso acontecer era fazer com que o Jackson te trouxesse até aqui.

— Porque é que precisavam de se encontrar comigo? — questionou, evitando cuidadosamente olhar para o outro homem silencioso.

Dante hesitou por um momento e, pela primeira vez desde o aparecimento do seu irmão de pacto, o Sr. Caine falou num tom rouco e baixo.

— Por causa do programa.

O coração de Morana parou ao olhar para ele, erguendo as sobrancelhas.

— Expliquem-se — exigiu.

Tristan Caine devolveu-lhe o olhar sereno, ou tão sereno quanto possível com aqueles olhos que estavam constantemente a examiná-la.

— Estás convencida de que eu tenho a pen com o programa — declarou.

Morana sentiu as próprias sobrancelhas franzirem-se.

— Eu sei que a tens.

— Porquê? — questionou Dante, fazendo com que se virasse para ele. Considerou os dois homens por um segundo, a confusão fazendo-a piscar os olhos repetidamente antes de falar, dirigindo-se a ambos.

— Quando o Jackson me roubou o programa — começou, olhando de um homem para o outro —, rastreei os registos do telemóvel dele e todos os seus movimentos desde que me conheceu. Levaram-me até ti — terminou, gesticulando na direção do outro homem.

Fez-se silêncio por um momento, antes de Dante falar.

— E assumiste que o Tristan contratou o Jackson para te espiar?

Morana assentiu com a cabeça, sentindo a incerteza apoderar-se dela.

— Não tinha nenhuma razão para não acreditar nisso.

— Exceto o facto de eu nem sequer saber que existias — acrescentou Tristan Caine num tom seco. Mentiroso. Os olhos dela voaram para os de Tristan Caine, semicerrando-se, a memória de o ver reconhecer o seu nome acendendo-se nela. Oh, ele sabia da sua existência, sim. Mas, por alguma razão, estava a mentir.

Os olhos de Tristan Caine desafiavam-na a revelar a sua mentira, a atrever-se a dizer que estivera na propriedade dos Maroni, sem convite, naquele quarto, sozinha com ele.

Virou-se de novo para Dante, as suas mãos fechando-se em punhos e o maxilar a cerrar-se-lhe.

— Estás a dizer-me que não contrataram o Jackson?

Dante assentiu em concordância, a sua expressão séria.

— Nem sequer sabíamos que este programa existia. É muito poderoso, e, caindo nas mãos erradas, ambas as nossas famílias estão tramadas. Foi por isso que voámos até à tua cidade. Encontrarmo-nos contigo era importante.

— E como é que ficaram a saber do programa?

Dante gesticulou para o homem ao seu lado.

— O Tristan falou-me dele depois de lhe ligares, a semana passada, a exigir a sua devolução. Sentimos que devíamos fazer-te uma visita, tendo em conta a situação.

Ela ligara-lhe? Olhou-o, tentando perceber exatamente o porquê de ele estar a esconder a verdade do seu irmão de pacto. Não conseguiu.

Morana fez um som de desdém, olhando para ambos os homens.

— Estão mesmo à espera de que acredite em vocês? Depois de matarem o Jackson?

— Ainda não te matámos a ti — comentou Tristan Caine, suavemente, os seus olhos severos e perigosos enviando-lhe um arrepio pela coluna. Tentou pensar nele como apenas Tristan, mas não conseguiu. Aquele homem não era Tristan para ela, mas sim Tristan Caine, e agora o cérebro de Morana começara a ficar obcecado com o nome.

Ela endireitou-se, determinada.

— Ainda. Quem me garante que não me vão matar agora?

— Nós, porque não queremos começar uma guerra. — Dante soltou finalmente a mão dela, abanando a cabeça. — Por muito que as nossas famílias se odeiem, a verdade é que nenhum de nós se pode dar ao luxo de entrar numa guerra neste momento, não com forças de fora a cercar-nos. Matar o Jackson foi para o silenciar. Ele estava genuinamente convencido de que tinha estado a lidar com o Tristan. Matar-te a ti, por outro lado, vai criar um conflito desnecessário.

A lógica fazia sentido. Mas não confiava neles por nada deste mundo. Os seus olhos agarraram-se de novo perante os azuis que a observavam.

— Então estás a dizer que alguém se deu ao trabalho de te incriminar de forma tão elaborada, indo até ao detalhe de contratar o Jackson, sabendo que eu descobriria o seu rasto?

Encolheu os ombros largos, os olhos fixos nela.

— Eu não disse nada.

Para onde fora toda a sua eloquência sobre assassinato e caos em frente a uma audiência? Furiosa, Morana cruzou os braços sobre

o peito, vendo os olhos de Dante acompanharem o movimento. Tristan Caine nunca desviou os olhos dos seus, nem uma vez.

Por hábito, empurrou os óculos mais para cima.

— Então e agora? Queres que nos juntemos ou assim?

— Ou assim — foi a sua muito útil resposta.

O som de um telemóvel a tocar sobressaltou-a no silêncio súbito à sua volta, fazendo-a saltar ligeiramente. Dante pegou no telemóvel, trocando um olhar com o homem silencioso, antes de se desculpar e andar na direção das traseiras. Assim que ele virou a esquina, Morana encaminhou-se para o portão, onde o seu carro a esperava, ignorando o homem atrás dela.

— Não devias ir-te embora sem ouvir o nosso lado — constatou ele, quando ela se aproximou do portão.

— Nem que me paguem um milhão de dólares — atirou, sem abrandar, o seu corpo inteiro a vibrar de tensão. Estava quase a chegar ao carro quando de repente, sem qualquer aviso, foi imobilizada contra o capô e viu o seu mundo a inclinar-se quando o céu noturno apareceu, e, com ele, o rosto de Tristan Caine. A sua mão agarrava ambas as dela, segurando-as acima da cabeça de Morana, enquanto a outra empurrava a sua barriga, mantendo-a no sítio.

Ela sacudiu-se. Ele não se mexeu.

Ela contorceu-se. Ele não se mexeu.

Ela debateu-se. Ele não se mexeu.

Tentando escapar-se ao aperto nos seus pulsos, debateu-se contra o capô do carro, pontapeando e tentando morder-lhe os braços, mas ele pairava sobre ela, sem se mexer, sem falar, o seu maxilar cerrado.

— Eu quero tocar-te tanto quanto tu queres ser tocada — rangeu ele a custo, a sua respiração acariciando o rosto dela, os seus olhos duros.

— Oh, por favor. — Morana revirou os olhos, o seu tom carregado de sarcasmo. — Nas duas míseras vezes em que nos encontrámos, pude ver o quanto detestas tocar-me. Prender-me contra superfícies planas é repugnante.

Os seus olhos acenderam-se e um rosnado curvou-lhe a boca, dando destaque à cicatriz no canto do seu lábio inferior.

— Não és nada como as mulheres que gosto de prender. Podes ter a certeza de que não as odeio.

— Tu não me odeias — declarou ela.

— Não. — Ele abanou a cabeça, os seus olhos endurecendo cada vez mais e enchendo-se de determinação enquanto inspirava fundo.
— Eu desprezo-te.

Morana pestanejou, surpreendida com o ódio na sua voz, e franziu as sobrancelhas. Sabia que não eram fãs um do outro, mas não havia nada que justificasse este ódio. Ele nem sequer a conhecia.

— Porquê? — deu voz à questão na sua mente.

Ele ignorou-a, aproximando-se mais com os olhos frios e enviando-lhe um arrepio de medo pelo corpo, mesmo com os braços acima da cabeça, e depois falou numa voz baixa e convincente.

— Só não te mato porque não quero uma guerra. — O tom dele fê-la encolher-se. O seu olhar fez o estômago dela afundar-se. — Só porque não te posso magoar, não significa que não o farei.

Morana olhou-o, chocada com a ferocidade do seu ódio.

— Nem sequer me conheces!

Ele ficou em silêncio por um longo minuto, descendo a mão pelo estômago dela, acelerando-lhe o coração quando o pânico se instalou. Ela debateu-se, e a mão dele parou, mesmo abaixo do seu umbigo, o gesto de um amante e não de um inimigo, os seus olhos severos presos nos dela.

— Tenho pessoas que considero minhas. Território que é meu. Nunca o invadas. — A mão dele curvou-se um pouco mais em direção à anca de Morana, a ameaça clara, fazendo-lhe a pulsação disparar enquanto mantinha os olhos colados aos dela e lhe sussurrava contra a pele. — Lembra-te disso.

O raio da audácia! Chocada, Morana debateu-se com ainda mais força, esperneando para se libertar.

— Seu sacana!

Ele aproximou-se mais, os seus lábios quase na orelha dela.

— Gata selvagem.

O som de passos fê-lo soltá-la. Ele endireitou-se, o seu rosto assumindo aquela máscara vazia como se sempre lá estivesse estado, como se ele não tivesse estado por cima dela a ameaçá-la, como se não fosse o ser humano detestável que era. Morana ergueu-se sobre as pernas ligeiramente trémulas, o peito dela a subir e a descer de forma acelerada, os olhos a espetarem-lhe facas e os punhos cerrados, o seu corpo tremia com a raiva que mal conseguia conter.

Dante aproximou-se, olhando-a de cima a baixo com o sobrolho franzido.

— Estás bem?

Ela sentiu o maxilar tremer, o seu coração nem perto de calmo. A vontade de pegar na arma e disparar sobre ele era tão grande que quase a deitou ao chão. Abanando a cabeça, ergueu o queixo e endireitou as costas, olhando diretamente para ele, um rosnado a curvar-lhe os lábios.

— Vocês os dois podem sangrar até morrer, vejam se me importo.

Abrindo a porta do seu carro, olhou de novo para o homem que a deixara naquele estado numa questão de segundos, os seus olhos fixando-se nos dele.

— Mantém-te bem longe de mim.

Antes que Tristan Caine o conseguisse disfarçar, Morana viu-lhe algo a brilhar no olhar, apesar de se manter inexpressivo, e depois virou-se, entrando no carro, fazendo marcha atrás e saindo da rua. Nunca olhou para trás pelo espelho. Não se deixou concentrar noutra coisa que não na força com que agarrava o volante. Não se deixou sentir nada que não o sangue que lhe corria nas orelhas.

Tudo tinha o seu tempo. Ela teria o seu.

Talvez não no dia seguinte. Talvez não no dia a seguir. Ou no dia a seguir a esse.

Um dia. Um dia destes, jurou, com toda a raiva que lhe pulsava no corpo, fazendo-a tremer tanto que já não sentia os dedos graças à força com que agarrava o volante, a raiva aquecendo-lhe o corpo como nunca antes, a raiva que a fazia desejar um escape.

Um dia, jurou, mataria Tristan Caine.

«Nunca cometas o erro de achar que me conheces. Pode ser o último que cometes.»

Tristan Caine é um enigma para todos os que o rodeiam. Sendo o único elemento dos Tenebrae sem laços de sangue com a família, apresenta capacidades únicas, é dono de uma moral altamente questionável e ninguém percebe aquilo que o move. Mas é um homem letal, e sabe disso.

Morana Vitalio é filha da família rival e conhece bem a reputação de Tristan. Dona de uma mente brilhante, é na tecnologia que encontra as suas melhores armas, com as quais está disposta a combater os seus inimigos.

Mas quando uma suspeita a leva a infiltrar-se na casa de Tristan com o intuito de o matar, tudo muda, e o que ambos pensavam saber um sobre o outro começa a transformar-se em algo completamente diferente.

Até que o ressurgir de um mistério do passado vem revelar um laço que os une há muito.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-652-3



9

789895 896523